

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FUNDAMENTOS DA AQUISIÇÃO

DA LINGUAGEM ESCRITA

1661

RITA DE CÁSSIA ROCHA DE OLIVEIRA

MONOGRAFIA apresentada como exigência
parcial para aprovação na Disciplina
EP-150 - Sistemática do Trabalho Indi
vidual e de Grupo.

Campinas, junho de 1990.

SUMÁRIO

1. Apresentação	
2. "Como deve se ensinar a ler e escrever?"	01
3. Prontidão	03
3.1. O Contato com a leitura e a escrita	
3.2. Educação Física e Educação do Movimento	
4. A criança e seu processo de alfabetização	09
5. Conclusão	12
/ . Notas	13
/ . Bibliografia Consultada	14
/ . Bibliografia Geral	17

1. APRESENTAÇÃO

Qual a concepção que as crianças têm e formam sobre a escrita? A prontidão é importante? Quais os reais pré-requisitos para uma boa alfabetização? Tais questões enfatizam as bases de um novo modo de trabalhar a alfabetização. Sob estes novos ângulos é preciso rever as formas tradicionais de trabalho em classe e o tratamento que tem marcado a relação professor/aluno de forma a aumentar as oportunidades da criança ser bem sucedida na escola.

Nesse contexto, o trabalho de Ferreiro e colaboradores é uma das valiosas e recentes contribuições no sentido de considerar a escrita como a representação da linguagem e não como um código de transcrição gráfica de unidades sonoras. Por outro lado, ela considera a criança, que aprende, como um sujeito ativo que interage de modo produtivo com a alfabetização.

Não creio na distância existente entre educação física e educação geral. Apoiei-me, também, no exercício e na prática do movimento como princípio pedagógico; e pré-requisito que age sobre os aspectos físico, intelectual, psíquico e social.

2. "COMO SE DEVE ENSINAR A LER E ESCREVER?"

"Como se deve ensinar a ler e escrever? É em torno dessa pergunta que, tradicionalmente tem girado a investigação sobre as questões da alfabetização. Os números do fracasso se tornam cada vez mais alarmantes e ninguém escapa do banco dos réus: os alunos, por serem carentes, deficientes; a escola, por ser uma implacável máquina de reprodução das relações de poder; o professor, por ser mal formado, incompetente e mal pago. As contradições alcançaram níveis desestabilizadores. Ultrapassaram-se os limites de um problema educacional, eles chegaram a níveis social e politicamente inaceitáveis. O círculo se fecha. Chega o momento de uma revolução conceitual, há momentos da história em que ela faz falta. Torna-se necessário fazê-la a respeito da alfabetização." (Emília Ferreiro).

Ao leitor desavisado, as publicações de Emília Ferrerro sobre alfabetização, contrariando expectativas, não trazem um novo método, ou algo como uma solução pronta. O que ela nos oferece são idéias, reflexões sobre os resultados de suas práticas e pesquisas, tornando cada vez mais preciso o que já era necessário repensar: a prática escolar da alfabetização em busca de novos caminhos.

Suas idéias podem provocar mudanças na própria estrutura escolar porque alteram a natureza das relações educacionais (Talvez, quem sabe, esta seja a causa da resistência de alguns educadores). Sua pesquisa em pedagogia muda radicalmente a compreensão do papel de cada um dos envolvidos

no processo educativo. Deslocando a investigação do "Como se ensina" para o "como se aprende", Ferreiro descobriu e descreveu a psicogênese da língua escrita. Aqui o importante papel da instrução escolar como facilitadora do desenvolvimento cognitivo descrito por ela e seus colaboradores.

3. PRONTIDÃO

O critério de idade cronológica para o ingresso nas classes de alfabetização é considerado condição básica para que a criança apresente o rendimento esperado na aquisição da linguagem escrita. A idéia consiste em evitar que se desperdisse esforços em ensinar a ler e escrever, crianças que não apresentam uma maturidade para tal. Essa maturidade é definida em termos de idade mental da criança, o QI.

Mas se constata que aprender a ler e escrever não é uma simples questão de inteligência. Crianças que obtêm classificações superiores têm dificuldades em ler e escrever e vice-versa (1). Devem existir, então, outras aptidões importantes sem as quais uma criança não pode ingressar no processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Criaram-se, então, testes de prontidão para que as crianças fossem mais amplamente avaliadas. Tradicionalmente, tem-se dado excessiva ênfase aos aspectos maturacionais relacionados às aptidões perceptuais e motoras envolvidas no reconhecimento das letras e no traçado das letras cursivas, restringindo a prática pedagógica ao simples treino perceptual e motor durante o período preparatório, fica isolada do contato com a leitura e a escrita no próprio contexto escolar. Tal prática, há algum tempo tem sido questionada, avaliando-se a prontidão e a forma de trabalhá-la.

3.1 - RELAÇÃO POSITIVA COM A LEITURA E A ESCRITA: O CONTATO

Um estudo mais aprofundado do progresso científico, que está sendo realizado na área de alfabetização, preocupação constante, devido aos insucessos escolares nas 1.^{as} séries, confirmando a barreira em que se constitui a aquisição da linguagem escrita, permitiu-me entender que aprender a ler e escrever requer mais do que aptidões perceptuais ou motoras. A questão envolve-se pelo desenvolvimento cognitivo da criança, passando por um processo evolutivo para entender a natureza de nossa representação gráfica que é chamada de representação alfabética.

Aprofundarei a questão mais adiante, apreendendo-me no instante aos aspectos relativos à prontidão.

O sucesso das crianças na alfabetização tem estreitas conexões com as relações positivas com atividades rotineiras de leitura e escrita na família. O contato com o material escrito e a noção das funções sociais da escrita são fundamentais para que a criança passe pelas atividades de interpretação e de produção escrita próprias da idade pré-escolar. "Não é a compreensão que gera o fato mas o ato é que faz nascer a compreensão". (2)

As pesquisas realizadas por colaboradores de Kato, retratam o fato que as crianças de classe mais baixa reconhecem menos portadores comuns de escrita (dicionário, carnês, cheques, folheto de missa, lista telefônica, mapas, et alli), recorrendo duas vezes menos à leitura que as crianças de classe média-alta. Respostas consideradas evoluídas (escrita

como meio) dadas no reconhecimento dos portadores, eram dadas pelas crianças de classes mais abastadas, enquanto as de classe baixa eram admitidas como primitivas (escrita como fim).

Sabemos, ainda, que geralmente as crianças de classe média sabem desenhar ao menos as letras de seu nome e que as de classe popular adquirem a escrita do nome na escola. Outro fato que se constata é que justo os pobres que têm pouco contato com a leitura e a escrita recebem o pior material.

Estes dados elucidaram-me a respeito da dificuldade de integração das crianças de classes mais populares nas séries iniciais devido, ao que fica claro mediante os exemplos, que as bases do processo da aquisição da representação alfabética - o significado social da representação gráfica e a produção escrita - são exercidas entre crianças das classes mais abastadas. Elas têm acesso a livros, revistas em quadrinhos, onde têm à sua disposição usuários sistemáticos da escrita para ler e responder suas perguntas e adultos que acham graça de seus "erros" e estimulam sua curiosidade; têm maiores possibilidades de passar por uma evolução conceitual da escrita muito antes da idade escolar, em função das inúmeras ocasiões de aprendizagem informal que lhes são oferecidas.

A falta de estímulos das crianças carentes pode ser relacionada, portanto, a estes mesmos materiais escritos e significados próprios que a função social da escrita exerce à falta de carinho, alimento e proteção que essas crianças têm.

A maneira mais eficaz de introduzir uma criança ao mundo da escrita, por conseguinte, é através de atividades de

leitura e escrita, que sejam significativas para ela. Neste contexto, não somente o contato com a escrita é importante mas o interesse em aprender a representação gráfica, entendendo-a como um meio e não como um fim em si mesma.

A rotina escolar e o chamado período preparatório poderiam pautar-se pelas práticas diárias existentes nas famílias que têm favorecido o sucesso escolar de muitas crianças.

3.2. A EDUCAÇÃO FÍSICA E A EDUCAÇÃO DO MOVIMENTO

É fato que algumas crianças matriculadas em escola não apresentam os pré-requisitos básicos para sua alfabetização, isto é, possuem problemas que as impedem de acompanhar o ritmo normal da classe. Ao lado de problemas de instabilidade afetiva, gerados por falta de domínio corporal ou até por questões de ordem familiar, e atividades de leitura e escrita que sejam significativas, existem problemas psicomotores provenientes de uma inadaptação da criança ao meio e à sua experiência vivenciada com o corpo.

O desenvolvimento psico-motor da criança se dá através de um desenvolvimento neurológico normal e pela experiência que vivencia com o próprio corpo. E é através de atividades diversificadas, que a criança vai construindo um tipo de Memória Corporal, que é um pré-requisito para aprendizagens posteriores que exigem maior habilidade. Para isso, é preciso que na ação educativa dos pais e pedagógica dos professores a criança não seja tolhida em sua exploração e tenha um

ambiente propício para o desenvolvimento de suas potencialidades.

As relações perceptivas e motoras têm relação estrutural com as funções mentais. Por isso, é necessário que se ofereça à criança oportunidade de experimentação, de busca de solução de problemas que vão surgindo no seu dia-a-dia, na sua descoberta do mundo.

O programa de educação física se caracteriza pela continuidade de experiências de movimentos, que são destinados a ajudar as crianças a adquirir habilidades motoras e conceitos que irão aumentar a sua capacidade de agir de forma alegre e afetiva em todas as experiências de sua vida, quer seja social, mental ou física.

A criança tem oportunidade de vivenciar muitas experiências de movimento em seu meio ambiente que vão lhe ajudar a estruturar os movimentos básicos através da exploração, tentativa de acerto e erro, imitação e convivência com as outras pessoas. A educação física está intimamente ligada à educação do movimento da criança uma vez que esta utiliza o movimento para alcançar seus objetivos.

Dentre suas finalidades específicas está a criatividade, onde a criança se torna capaz de dar respostas pessoais de movimento, criando coisas novas ou combinando coisas já conhecidas. Espera-se que o educando adquira capacidade adaptativa e expressiva, desenvolvendo gradualmente suas potencialidades do que assimilou da formação básica; eduque seu movimento, livrando a atenção do consciente; desenvolva economia do esforço adquirido (destreza).

A Educação Física é um meio educacional. Ela exige que as crianças participem não só com o corpo, mas com a inteligência, a imaginação e a emoção. Ela educa, sociabiliza, desenvolve o respeito mútuo, integra o indivíduo na sociedade, diverte através da recreação e do lazer, contribuindo para a formação do caráter, aperfeiçoamento da personalidade, aquisição de segurança, autodomínio.

Consciente de suas tarefas e compracente com o êxito a criança se sente recompensada por esforços e passam a confiar em suas capacidades. "A atitude do jogo se converte em atitude de trabalho" (3).

É necessário que a Educação Física intervenha realmente no processo educativo e junto ao jogo e as atividades corporais, interaja com as dimensões cognitivas e sócio-afetivas.

4. A CRIANÇA E SEU PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Saber ler e escrever é ter construído alguma concepção que explica certo conjunto de fenômenos, um objeto conceitual. Para que a criança chegue ao conceito basta sua experiência com a leitura e a escrita.

Não se pode tratar a escrita como mera representação gráfica ou correspondência fonema-grafema com aspectos sonoros. Ela é um produto de uma construção mental da humanidade, e sua aprendizagem ocorre por pressuposto, não por estimulação externa mas por estratégias do próprio aprendiz. Os métodos de alfabetização não estão de acordo com o processo infantil, pois não se considera o ponto de vista da criança que aprende. Eles não levam em conta os processos de elaboração do conhecimento sobre a escrita.

Ferreiro, Teberosky e colaboradores partem do pressuposto que a criança é sujeito ativo e conhecedor. Elas indicam a importância de se conhecer a lógica da criança, mostrando que elas exigem de si mesmas uma coerência rigorosa no processo de sua construção do conhecimento. Para entender a nossa representação gráfica enquanto sistema, "as crianças estão obrigadas a reconstruí-los internamente, em vez de recebê-los como um conhecimento elaborado".(4)

A criança estuda criticamente as hipóteses e resultados, visando determinar fundamentos lógicos à escrita. Ao tratarmos como inteligível a produção escrita da criança, na medida em que esta não se aproxima da escrita convencional, estaremos desvalorizando seus esforços, reais amostras de es-

crita e não puros "rabiscos".

O núcleo da psicogênese da alfabetização pode ser caracterizado pelos níveis que são descritos a seguir:

Nível Pré-Silábico

- primeiras tentativas da criança em escrever;
- sem correspondência entre grafemas e fonemas;
- a criança associa o tamanho dos objetos com o tamanho da palavra, ou com o número de letras desta;
- letras e números são a mesma coisa;
- ela pensa que só se pode ler um texto com imagem;
- depois de um certo tempo, a criança procura identificar uma palavra pela sua inicial e só a inicial basta para representá-la.

Nível Silábico

- cada letra representa uma sílaba, isso porque a menor unidade de emissão é a sílaba;
- hipótese da quantidade mínima de caracteres para que um conjunto de letras possa ser considerado uma palavra (varia o número de letras estabelecido entre as crianças).

Nível Silábico-Alfabético

- a criança busca correspondência entre ~~o~~^S som e grafia
- representa uma sílaba por letra

Nível Alfabético

- estrutura os sistemas de escrita e de leitura de cabeça.
- corresponde plenamente grafias e fonemas.

5. CONCLUSÃO

A introdução da linguagem escrita para a criança é uma prática que deve ser realizada com a crescente mudança na postura educacional.

A linguagem é uma forma de interação humana, sendo que através dela o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria praticar a não ser falando. Ao entrar para a escola, a criança já tem competência linguística e a escola vai melhorar seu desempenho oral, vai adquirir a língua escrita, com características e funcionamentos próprios.

"A leitura e a escrita podem se constituir em veículos de maior apropriação de conhecimentos e, pois, de socialização. Mas, por outro lado, podem servir também como instrumento de reprodução das relações dominantes, ou seja, de mitificação e exercício do poder." (5) Daí a referência à Educação do Movimento, onde há reconhecimento da capacidade e possibilidade individual, visando o domínio das coisas que o cercam, desenvolvendo qualidades sociais de solidariedade, comando e comunicação.

A afirmação que a escrita não é um produto escolar, mas o produto do esforço coletivo da humanidade para representar a linguagem, o entendimento da leitura e da escrita enquanto função social é fundamental para o trabalho de alfabetização.

8. NOTAS

- (1). Lucia Maria Lins B. Rego. Isto se Aprende com o Ciclo Básico. A prontidão para alfabetização no contexto das pesquisas atuais (São Paulo, SE/CENP. 1985), pág. 11.
- (2). Mary Kato. A concepção da escrita pela criança. (Campinas, Pontes, 1988), pág. 27.
- (3) GEEMPA. Alfabetização em classes populares. (Porto Alegre: Kuarup, 1988), pág. 76.
- (4) Emília Ferreiro. Reflexões sobre Alfabetização (São Paulo: Cortez, 1989), pág. 95.
- (5) Norma Marzola. Escola e Classes Populares (Porto Alegre: Kuarup, 1988).

A. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- (1). CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização & Linguística. Campinas: Editora Scipione, 1989.
- (2). Celso de Rui Beisiegel. "Política Educacional e Programas de Alfabetização". A Educação Básica no Brasil e na América Latina: repensando sua história a partir de 1930. IDÉIAS. São Paulo: FDE, 1988.
- (3). DUNN, Lloyd M.. Crianças Excepcionais - Seus Problemas Sua Educação. Trad. Ceres de Albuquerque. Técnica de Educação da Guanabara. RJ: Ed. Ao Livro Técnico SA, 1971.
- (4). FERREIRO, Emília. Reflexões sobre Alfabetização. Trad. Horácio Gonzalez. São Paulo: Ed. Cortez: Autores Associados, 1989.
- (5). FREIRE, Madalena. A Paixão de Conhecer o Mundo. Relato de uma professora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- (6). GEEMPA. Alfabetização em Classes Populares, (3ª ed) // Porto Alegre: Kuarujo, 1988.
- (7). GESUELI, Zilda Maria. A criança não ouvinte e a aquisição da escrita. Tese de Mestrado, Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. 1988.

- (8). KATO, Mary A. A Concepção da escrita pela criança. Campinas: Editora Pontes, 1988.
- (9). LOPES, Wanda Pinheiro. Diagnóstico de dificuldades na aprendizagem da leitura. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977.
- (10). Lucia Maria L. B. Rego "A prontidão para alfabetização no contexto das pesquisas atuais".
Isto se aprende com o Ciclo Básico. -Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. S. Paulo: SE/CENP, 1987.
- (11). MARZOLA, Norma v Escola e Classes Populares. Porto Alegre. Kuarup, 1988.
- (12). Maurício Fragemberg: "Anotações sobre a educação no Brasil". A Educação Básica no Brasil e na América Latina: repensando sua história a partir de 1930: IDÉIAS. S. Paulo: FDE, 1988.
- (13). PETRY, Rose Mary. Educação Física e Alfabetização (3^a ed). Porto Alegre: Kuarup, 1988.
- (14). PILLAR, Analice Dutra. Fazendo Artes na Alfabetização (3^a ed) / Porto Alegre: Kuarup, 1988.
- (15). SMOLKA, Ana Luíza B. A criança na fase inicial da escrita. Alfabetização como processo discursivo. Campinas:

Editora Unicamp. 1988.

(16). TEBEROSKY, Ana. Estas crianças que esquecem letras. Exposição Itinerante 17/05 a 26/05/89.

(17). UNESCO. Alfabetização 1972-1976- Progreso de la alfabetización en los diversos continentes. Paris: UNESCO, 1979.

B. BIBLIOGRAFIA GERAL

- (1). CABRAL, Suzana Veloso e outros. Educar Vivendo: o corpo e o grupo na escola. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- (2). CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização & Linguística. Campinas: Editora Scipione, 1989.
- (3). ~~XXXXX~~. Leitura e Alfabetização. Campinas. UNICAMP, 1981.
- (4). CARRAHER, Terezinha Nunes. Aprender Pensando. Contribuições da Psicologia Cognitiva para a educação. (2a ed) Petrópolis: Editora Vozes, 1986.
- (5). Celso de Rui Beisiegel. "Política Educacional e Programas de Alfabetização. "A Educação Básica no Brasil e na América Latina: repensando sua história a partir de 1930". IDÉIAS. São Paulo: FDE, 1988.
- (6). DUNN, Lloyd M. Crianças Excepcionais - Seus Problemas Sua Educação. Trad. Ceres de Albuquerque. Técnica de Educação da Guanabara. RJ: Ed. ao Livro Técnico SA, 1971.
- (7). FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. Trad. Horácio Gonzalez. São Paulo: Ed. Cortez: Autores Associados, 1989.

- (8). FREIRE, Madalena. A Paixão de Conhecer o Mundo. Relato de uma Professora. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983.
- (9). GEEMPA. Alfabetização em Classes Populares (3^a ed). Porto Alegre: Kuarujo, 1988.
- (10). GESUELI, Zilda Maria. A criança não ouvinte e a aquisição da escrita. Tese de Mestrado, Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, 1988.
- (11). KATO, Mary A. A Concepção da escrita pela criança. Campinas: Editora Pontes, 1988.
- (12). LEBOXI, Jean. Rumo a uma Ciência do Movimento Humano. Porto Alegre: Artes Médicas. 1985.
- (13). LEITE, Sérgio. Alfabetização e Fracasso Escolar. São Paulo: Edicon, 1988.
- (14). ~~LEITE~~. Alfabetização um Projeto bem Sucedido. São Paulo. Edicon, 1982.
- (15). ~~LEITE~~. O Projeto de Alfabetização de Mogi das Cruzes uma Proposta para a Rede de Ensino. São Paulo, 1980.
- (16). LOPES, Wanda V. Pinheiro. Diagnóstico de dificuldades na aprendizagem da leitura. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977.

- (17). Lucia Maria L. B. Rego. "A prontidão para alfabetização no conteúdo das pesquisas atuais".
Isto se aprende com o Ciclo Básico. - Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. São Paulo: SE/CENP, 1987.
- (18). MARZOLA, Norma. Escolas e Classes Populares. Porto Alegre: Kuarup, 1988.
- (19). Maurício Fragtemberg: "Anotações sobre a educação no Brasil". A Educação Básica no Brasil e na América Latina: repensando sua história a partir de 1930: IDÉIAS
São Paulo: FDE, 1988.
- (20). MOISÉS, Sariba. A linguagem e o processo educativo no RN. Relatório de Pesquisa sobre linguagem e o processo educativo. Natal; UFRN, 1983.
- (21). PETRY, Rose Mary. Educação Física e Alfabetização. (3^a ed) Porto Alegre: Kuarup, 1988.
- (22). PILLAR, Analice Dutra. Fazendo Artes na Alfabetização. - (3^a ed) Porto Alegre: Kuarup, 1988.
- (23). SMOLKA, Ana Luiza B. A criança na fase inicial da escrita. Alfabetização como processo discursivo. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- (24). TEBEROSKY, Ana. Estas crianças que esquecem letras. Ex-

posição Itinerante 17/05 a 26/05/89.

(25). TFOUNY, Leda Verdiani. Adultos não-alfabetizados. O Aves
so do Averso. Campinas. Pontes, 1988.

(26). UNESCO. Alfabetização 1972 - 1976. Progreso de la alfa-
betizacion en los diversos continentes. Paris: UNESCO,
1979.

